

CURSO DE ATOS – IBCU – OUT/NOV - 2014

AULA 14 – Paulo perante o Sinédrio, em Jerusalém; Cláudio Lísias livra Paulo e o envia a Félix em Cesaréia; Ananias e Tértulo acusam Paulo diante de Félix; Paulo apresenta sua defesa, dialoga com Félix e Drusila, e fica dois anos preso sem condenação; (At 22.30 a 24.27)

14.1 – Paulo perante o Sinédrio (At 22.30 a 23.11)

Após os acontecimentos descritos de 21.27 a 22.29, Cláudio Lísias, que comandava a força romana aquartelada na Torre Antônia junto ao Templo de Jerusalém, acionou toda a liderança judaica e o Sinédrio para se reunirem e ouvirem Paulo (At 22.30).

Paulo havia sido solto no dia anterior e foi trazido por ordem do comandante à presença do Sinédrio. Dois momentos são de especial significado nessa audiência no Sinédrio: Nos versos 1 a 5, está registrado o embate de Paulo com o sumo sacerdote Ananias; Nos versos 6 a 10 temos a discussão entre fariseus e saduceu provocada por Paulo.

Paulo e o sumo sacerdote Ananias – O tratamento inicial de Paulo não foi o mais adequado, pois ele deveria dirigir-se ao Sinédrio da maneira formal que era mais ou menos a seguinte: “Príncipes do povo e anciãos de Israel”. Ao referir-se a eles usando a expressão “*Varões, irmãos...*” (At 23.1), coloca-se em pé de igualdade com o Sinédrio e afirma que mesmo sendo cristão, ainda era um bom judeu, tendo servido a Deus com uma boa consciência, tanto antes como depois de sua conversão. Essa afirmação irritou profundamente Ananias (o sumo sacerdote), que mandou que lhe batessem na boca. Ananias era conhecido por ser um sumo sacerdote corrupto, glutão, ladrão, servil aos romanos e traidor dos judeus. Era totalmente repugnante, tendo sido descrito pelo historiador Flávio Josefo como um grande acumulador de dinheiro e que chegava a usar de violência para tomar dos sacerdotes o dízimo que lhes pertencia. Paulo, assim como todos os presentes, sabia disso. A réplica de Paulo, ao ser golpeado, foi de uma rudeza diferente da de Jesus, que respondeu com muito mais calma quando foi batido no rosto (Jo 18.22,23). Embora Paulo tivesse escrito recentemente sobre si mesmo e seus companheiros aos irmãos de Corinto: “*Quando somos injuriados, bendizemos; quando perseguidos, suportamos;*” (1Co 4.12), talvez tenha perdido o controle, tal a pressão a que estava submetido, não tendo reconhecido que se tratava do sumo sacerdote. Como então não teria reconhecido o sumo sacerdote? Alguns comentaristas acham que por não ser uma reunião formal do Sinédrio o sumo sacerdote não estivesse devidamente paramentado para

ser reconhecido e, talvez, nem estivesse presidindo a reunião. Outros pensam que, devido ao vozerio, Paulo não tivesse identificado de quem teria partido a ordem para batê-lo. Alguns, acompanhando a opinião de Agostinho e que foi seguida por Calvino, entendem que Paulo foi sarcástico como se estivesse dizendo: 'Eu não imaginava que um homem como você pudesse ser o sumo sacerdote!'. A explicação que me parece mais plausível é a que foi dada por John Stott, que creditou à visão debilitada de Paulo, o não poder identificar o sumo sacerdote na difusa figura vestida de branco do outro lado do tribunal, que só podia ser vista vagamente. Corroborava essa hipótese o fato de que o pedido de desculpas de Paulo no verso 5, não soou falso ou hipócrita, mas sincero.

Paulo, os fariseus e os saduceus – Fariseus e saduceus formavam os dois maiores e significativos partidos religiosos hebraicos daqueles dias. Eles tiveram grande presença nos diálogos de Jesus, em seu ministério terreno, e se digladiavam permanentemente entre si devido às diferenças marcantes entre eles. Os fariseus, mais atentos aos detalhes da lei e aos ensinamentos dos profetas, aguardavam o cumprimento das escrituras com referência à vinda do Messias. Criam na ressurreição dos mortos, na vida eterna, em anjos e espíritos, e se esmeravam em tentar cumprir a lei e os ensinamentos dos profetas, embora acrescentados dos detalhes da tradição. Eram mais ligados ao povo comum. Já os saduceus eram da elite, mais simpáticos ou colaboradores dos romanos. Os sacerdotes eram da seita dos saduceus. Não criam na ressurreição, nem em anjos ou espíritos. Foi em relação a estes que Jesus afirmou: *“Errais, não conhecendo as Escrituras nem o poder de Deus.”* (Mt 22.29).

Paulo não mentiu em relação a ele mesmo e nem foi tendencioso ao criar a dissensão entre os dois grupos na ocasião. Ele estava genuinamente preocupado com a doutrina, e cria que a ressurreição é fundamental para a essência da fé cristã. Cria também que o anti-sobrenaturalismo dos saduceus era incompatível com o evangelho. Além disso, Paulo era fariseu, não só pela linhagem e educação, mas também por compartilhar com eles a esperança da ressurreição, que era o motivo do seu julgamento. Assim aproveitou a oportunidade para fazer sua profissão de fé, de tal forma que se manifestou ali o grau de incompatibilidade entre fariseus e saduceus. Como resultado houve grande dissensão, com exaltação entre as partes, ficando claro que os fariseus não incriminaram em nada a Paulo. O clima esquentou tanto, que o comandante teve que intervir mandando que a guarda retirasse Paulo dali antes que ele fosse *“...espedaçado por eles,”* (At 23.10).

Durante a noite, Paulo teve um encontro confortador e encorajador com o Senhor Jesus: *“Coragem! Pois do modo por que deste testemunho a meu respeito em Jerusalém, assim importa que também o faças em Roma.”* (At 23.11). Paulo não precisava ouvir mais nada! Talvez este tenha sido o mais significativo encorajamento que ele recebeu do Senhor e que o sustentou até a sua chegada a Roma, bem mais tarde. Após a violência e tensão dos últimos dois dias, a manifestação da inimizade dos judeus, e o risco de morrer em Jerusalém e não conseguir chegar a Roma (seu grande sonho), este encontro com o Senhor Jesus foi um grande refrigério.

14.2 – Cilada e livramento, e chegada a Cesaréia (At 23.12-35)

Dois coisas marcam o final deste capítulo: A primeira mostra até que ponto os judeus puderam chegar para tentar eliminar Paulo; A segunda, mostra até onde os representantes do governo romano chegariam para administrar uma justiça imparcial.

Um grupo de mais de quarenta judeus, diante da dificuldade encontrada até aquele momento de se livrarem de Paulo pelos meios ‘legais’, decidiram agir à margem dos processos estabelecidos, mesmo que manipuláveis e tendenciosos. Foram ao extremo de jurarem ‘sob anátema’, que ficariam em jejum absoluto até que matassem Paulo. O invocar esse ‘anátema’, significava que se colocariam debaixo da maldição de Deus, caso não conseguissem cumprir o assumido. Esse grupo procurou os componentes de Sinédrio, propondo-lhes o envolvimento na trama, para solicitarem ao comandante que trouxesse Paulo no dia seguinte de volta ao palco de julgamento, com a desculpa de esclarecer alguns pontos ainda obscuros da acusação. Assim eles teriam a oportunidade de ficarem de tocaia no trajeto entre a Fortaleza Antônia e o local de julgamento, para assassinar Paulo no caminho. Não pensaram nas possíveis consequências e tampouco na possibilidade de falha no plano. O que não contavam, era com o vazamento da informação que chegou aos ouvidos de um sobrinho de Paulo (At 23.16). Este, ainda um rapaz, foi até Paulo preso e contou tudo a ele. Paulo, que estava em um regime especial de detenção, com certos privilégios devido a sua cidadania romana, encaminhou seu sobrinho através de um centurião até ao comandante Cláudio Lísias, que o ouviu em particular, recomendando que não falasse com mais ninguém a respeito.

Antes de falarmos da pronta decisão do comando romano a respeito, devemos ficar intrigados com o fato de Lucas silenciar acerca da irmã e do sobrinho de Paulo, dos quais nada mais é dito no NT. Não sabemos se haviam se convertido, ou se mantinham relacionamento próximo com

membros do Sinédrio, fariseus como Paulo. O fato é que a relação de parentesco e o conhecimento da situação foram usados por Deus como meio de livramento de Paulo.

Situações críticas demandam decisões rápidas e ações imediatas. Cláudio Lísias demonstrou com suas atitudes que era a pessoas talhada para o cargo que ocupava. Acionou sua tropa, articulou a fuga imediata de Paulo, encaminhando-o para a capital, Cesaréia, aos cuidados do governador Félix a quem escreveu uma carta esclarecendo a situação. Não poupou esforços e recursos para preservar a possibilidade da aplicação imparcial da justiça romana ao acusado Paulo. Vemos aqui o contraste entre o ódio histórico e fanático dos judeus (o povo escolhido de Deus!), e a justiça fria e imparcial do comandante romano, pagão e gentio aos olhos dos judeus. Ao chegar a Cesaréia, e ser apresentado ao governador, tendo este lido a carta do comandante, Paulo foi indagado acerca de que província era. Uma vez confirmado de que estava sob sua jurisdição, Félix mandou recolher a Paulo ao pretório de Herodes, sob as mesmas condições amenas anteriores, para aguardar a chegada dos seus acusadores que, diante do governador voltariam a fazer seu libelo contra ele.

14.3 – Acusação e defesa perante Félix (At 24.1-21)

Cinco dias após sua chegada a Cesaréia, Paulo estava uma vez mais diante de acusadores, desta feita perante o governador Félix. Félix era uma figura controversa. Ele havia governado a Judéia por cinco anos e nos dois últimos anos havia estado em Samaria. Faltavam ainda dois anos para que tivesse que deixar seu posto ali. Tinha nascido escravo e seu irmão, Palas, era protegido do imperador Nero. Por influência dele havia sido primeiro libertado e posteriormente chegado a governador. Foi o primeiro escravo da história a ter chegado a governador de uma província romana. Mas continuava com a mentalidade de escravo. O historiador romano Tácito disse acerca dele que ‘exercia os privilégios de um rei com o espírito de um escravo’. Havia se casado sucessivamente com três princesas, das quais não se conhece o nome da primeira, sendo a segunda neta de Marco Antônio e Cleópatra e a terceira Drusila, filha de Herodes Agripa I. Era totalmente sem escrúpulos, capaz de contratar matadores para eliminar seus partidários mais próximos. Felix não soube administrar o poder como devia e acabou, dois anos depois do julgamento de Paulo, sendo chamado de volta a Roma, e apenas escapou da execução pela influência de seu irmão Palas. A razão por ter sido destituído de seu posto, foi a sua ação contra os judeus em Cesaréia, quando houve um grande tumulto entre judeus e gregos os quais reivindicavam, cada um, a identidade da cidade.

Os judeus saíram vitoriosos e Félix mandou suas tropas ajudarem os gentios, massacrando os judeus, morrendo milhares deles. Depois saquearam as casas dos judeus mais ricos. Os judeus informaram Roma do que seu governador havia feito e por isso foi ele chamado a Roma, tendo fim seu governo sobre a província.

Nesse contexto Paulo, perante Félix, enfrenta as acusações do sumo sacerdote Ananias, do orador Tértulo e dos demais acusadores que haviam descido de Jerusalém. Chega às raias do ridículo, se não repugnante, a bajulação a Félix com que o orador introduz sua fala (At 24.2,3). Continuando sua fala mentirosa, agora nas acusações contra Paulo, ele elenca três tipos de acusação: 1- Paulo era um agitador em todo lugar por onde passava, ameaçando a 'pax romana'; 2- Paulo também seria o líder da seita dos nazarenos, assim chamados para colocá-los como heresia judaica; 3- Paulo teria sido também um profanador do templo por, hipoteticamente, haver levado um gentio para a área a eles proibida. As acusações mesclavam ameaças aos poderes civil romano e religioso hebraico, tentando tornar difícil a defesa de Paulo. A descrição do ocorrido em Jerusalém também falseia a verdade, pois atribui a violência a Paulo ali ocorrida a Cláudio Lísias, e não aos judeus.

Após o libelo contra Paulo, o governador concede-lhe a palavra. Paulo, que estava sob grande tensão, limitou-se a apresentar fatos ocorridos em Jerusalém, defendendo-se adequadamente de cada uma das acusações contra ele formuladas, inclusive argumentando que os seus primeiros acusadores, os judeus da Ásia, não estavam presentes para confirmarem as acusações, como seria de praxe nesses casos. Na sua defesa apresentou também sua confissão de fé (At 24.14-16).

Félix então encerrou a audiência, adiando sua decisão para quando o comandante Cláudio Lísias viesse de Jerusalém, e manteve Paulo detido, à sua disposição, mas com regalias (At 24.23).

Nesse período, que durou mais de dois anos (prazo superior ao máximo permitido para a prisão de alguém sem condenação ainda), Félix e Drusila chamaram Paulo à presença deles várias vezes para ouvi-lo. Félix esperava também receber algum dinheiro de Paulo para talvez relaxar sua prisão, mas acabou mantendo-o preso para tentar agradar os judeus que acabaram denunciando-o a Roma.

Num desses encontros com Félix e sua mulher, que era judia, Paulo discorreu sobre a fé em Jesus *"Dissertando ele acerca da justiça, do domínio próprio e do Juízo vindouro,"* (At 24.25). A reação de Félix pode ter se dado em face de qualquer uma das duas interpretações que dermos

à fala de Paulo: Paulo poderia estar se referindo às atitudes injustas dele como governante, às imoralidades cometidas nos seus relacionamentos e às consequências disso no juízo final; Também poderia estar simplesmente apresentando o evangelho falando dos três tempos da salvação – no passado: justificação (justiça de Deus na cruz); no presente: santificação (evidenciada também pelo domínio próprio); no futuro: glorificação (manifestada aos salvos do juízo final). Seja como for, a reação dele foi de amedrontamento e postergação de qualquer decisão. Não temos assim registro ou evidência de arrependimento e conversão de Félix e Drusila, embora tenham sido adequadamente evangelizados por Paulo.

Dois anos se passam, e só quando Félix foi substituído por Festo, é que o caso 'Paulo' é reaberto.